

A pergunta do aluno como prática de aprendizagem

Marcus Mello de Almeida¹

Andrea Norema Bianchi de Camargo²

Resumo

O presente artigo aborda a temática da pergunta do aluno em sala de aula como ponto de partida para a aprendizagem. Uma metodologia específica que busca o relevante nas relações educacionais, desencadeando a pesquisa, e por consequência uma forma significativa de aprender. Nesta perspectiva, as manifestações do aluno em relação a suas necessidades apresentam-se como uma forma de balizamento do trabalho do professor, que estando ciente delas, pode melhor direcionar a sua prática pedagógica, promovendo a formação do sujeito autônomo, capaz de melhor entender a sua realidade, numa educação contextualizada e transformadora.

Palavras-chave: Educação. Pergunta do aluno. Aprendizagem. Pesquisa.

1 Introdução

Na sociedade atual que vivemos, constantemente são apontados inúmeros problemas referentes à educação, sejam de caráter político, administrativo, de segurança, de descaso, dentre outros. Evidencia-se um período em que urge uma retomada de consciência sobre o que fazer para tentar resolver essas questões educacionais que afetam a vida de todos os sujeitos. Adotando um olhar crítico em relação às atitudes dentro do contexto da escola, identificando previamente suas peculiaridades já muito discutidas em âmbito nacional e internacional, pretendemos abordar situações que possam contribuir para uma desacomodação dos envolvidos por meio de ações que melhorem a relação educação e mundo. Formar indivíduos com qualidade política e autonomia nos parece uma forma específica de me-

¹ Graduado em Biologia e Mestrando do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS. Professor de Biologia do Colégio Marista Rosário. ² Graduada em Química e Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências e Matemática da PUCRS.

lhorar essa relação. Por meio de seus questionamentos, o aluno sujeito de sua educação, desenvolve o saber, a prática do aprender e cria um ambiente de aprendizagem.

A pergunta do aluno em sala de aula, que instiga e privilegia a busca por novos saberes é desencadeadora, muitas vezes, de um trabalho de pesquisa, tão necessária na sala de aula hoje em dia. Segundo Demo (2007), educar pela pesquisa é o cerne do processo educativo, e é por meio deste que desenvolvemos no aluno a autonomia crítica, a capacidade de aprender a aprender. Afinal essa é a nossa missão, pois educadores que somos devemos desenvolver cidadãos com qualidade política transformadora, ou seja, cidadãos aptos a modificarem a sua realidade.

2 A pergunta do aluno e os conhecimentos prévios

Iniciamos a abordagem da importância da pergunta em sala de aula, tanto do professor quanto a do aluno, com o intuito de romper assim, a visão de aula tradicional tão somente, baseada apenas na cópia e na transmissão de conhecimentos. Quando é aberto um espaço no qual o professor instiga os alunos através de uma pergunta ou solicita que eles questionem, inicia-se um momento de desconforto.

É um mal disseminado no decorrer dos tempos que as verdades são prontas e imutáveis, o que leva, por vezes, os alunos e o próprio professor a sequer levantarem quaisquer hipóteses e mesmo duvidar do que está sendo apresentado, tomando-as como verdades absolutas. A partir do momento que o aluno é estimulado a questionar, a construir uma pergunta, ele imediatamente volta para si, para os conhecimentos que já possui, os seus conhecimentos prévios e inicia o processo de reorganizar todas as informações que já tem acerca da temática em questão, gerando um processo de organização mental importante. No momento em que está esquematizando os seus conhecimentos, ele está de certa forma aprendendo, pois essa conexão de ideias já implica em uma reflexão e reformulação, para que a pergunta consiga ser construída.

Após essa elaboração primária, o aluno precisa externalizar o seu questionamento e, ao fazê-lo, demonstra o que sabe e o que conhece, permitindo ao professor conhecer melhor o sujeito, bem como de avaliar o que ele já sabe, seus interesses e, após uma reflexão, finalmente quais rumos tomar para construir uma aula que atenda verdadeiramente às curiosidades e necessidades daqueles que são os personagens protagonistas. Conforme afirma Ramos

As perguntas que os alunos apresentam como suas, expressando desejos, intenções de aprender e interesses são muito relevantes para o professor como sinalizadoras do que os alunos conhecem e sabem, mas também do que eles não conhecem. São, por isso, matéria-prima para a mediação e balizadoras dos procedimentos a serem adotados. (RAMOS, 2008, p. 72)

Os questionamentos construídos pelos alunos a partir de seus conhecimentos prévios, relacionados às suas realidades, significam uma ponte importante para a relação aluno/professor, contribuindo para uma reorganização das atividades em sala de aula, modificando a premissa de que o professor é o detentor do conhecimento e que cabe ao aluno simplesmente abster-se de interrupções e copiar o conteúdo de forma passiva, incentivando o questionamento e a reconstrução do conhecimento. Dessa forma, entendemos que é importante que o aluno desenvolva habilidades como:

- a) capacidade de interpretação;
- b) formulação pessoal argumentativa;
- c) saber pensar;
- d) aprender a aprender.

3 A linguagem, mediação e a colaboração das ferramentas midiáticas

Ao elaborar a pergunta, o aluno precisa comunicá-la e aqui se destaca o papel da linguagem. Por meio dela o aluno elabora novos significados para as palavras, ações e discursos em que está envolvido. (MORAES, RAMOS E GALIAZZI, 2007).

Ao expressar sua pergunta, através da fala ou da escrita, o aluno pratica a sua competência de ser autor de material próprio, evidenciando um compromisso na caminhada de tornar-se autor do próprio conhecimento. Para responder às suas curiosidades, os alunos partem para o processo de busca, de construção de argumentos.

É mister dar-mo-nos conta de que toda busca reflete um desejo que o aluno possui, e é justamente esse desejo, essa falta, que movimenta o aluno para a sua aprendizagem. Ele inicia o processo de procura motivado pela curiosidade de responder às suas indagações, pesquisando com o auxílio de diversos instrumentos, como livros, revistas, sites, entrevistas, vídeos e outros.

Todavia, com a difusão cada vez mais veloz e acessível da tecnologia, os computadores tornaram-se fortes aliados dos estudantes nos procedimentos de pesquisa. Com o auxílio da internet, é vasta a gama de informações e recursos que os alunos têm acesso e, como produz uma forte atração dentre a nova geração, é uma das fontes de investigação aos quais os alunos mais recorrem, não podendo e não devendo, o professor, impedir ou ignorar esse processo. A internet não deve funcionar somente como repositora de informações e sim também, como ferramenta de comunicação entre os estudantes e professores. Os e-mails, os sites de relacionamento e outros recursos on-line servem de suporte para que ocorra uma integração entre os sujeitos envolvidos na aprendizagem, na troca de respostas, no compartilhamento de dúvidas, nas discussões e debates.

Entretanto, é necessário, como em qualquer outra ferramenta utilizada para a pesquisa, que ocorra um acompanhamento do professor nesse processo de busca. São inúmeras as informações disponí-

veis, mas sua veracidade e forma como devem ser usadas necessitam ser instruídas pelo professor. Esse papel de mediação é fundamental, pois é através das intervenções do professor que ocorrerá uma modificação da relação professor aluno e esse passará a assumir função de colaborador e incentivador ao desenvolvimento dos sujeitos, no lugar de opressor e detentor das verdades.

Não obstante do diálogo do professor que é fundamental, encontra-se a importância do diálogo com os demais parceiros de trabalho: os colegas. As pessoas aprendem reconstruindo o que já sabem e através do compartilhamento de ideias com os demais, bem como da sua visão da realidade em que vivem. Destaca-se, portanto, o papel fundamental na mediação e diálogo com os outros sujeitos envolvidos no processo de aprendizagem, caracterizando o movimento do desenvolvimento do sujeito ativo, por meio do questionamento reconstrutivo (DEMO, 2004).

Ainda segundo o autor

Papel essencial desempenha o professor, na condição de orientador, não só porque não se aprende sozinho, mas sobretudo porque a aprendizagem precisa de motivação humana e decorrente avaliação; evitando exacerbar o horizonte cognitivo, é crucial também os condicionamentos sociais e históricos (DEMO, 2004, p. 65).

As relações interpessoais são intensificadas e o aluno vai delineando a sua autonomia com a consciência da interdependência de pensamento, colocando suas opiniões à crítica e aprendendo a importância da cooperação em vez da competição ou opressão.

No compartilhamento de ideias, e na busca por argumentos que auxiliem a responder as suas perguntas, os alunos colocam-se no processo de complexificação do conhecimento. Isso quer dizer que, após uma primeira inquietação, o aluno pesquisa por soluções e, à medida que suas investigações se aprofundam, a motivação em querer defendê-las de forma mais válida e consistente, o aluno vai refletindo e reconstruindo conhecimentos cada vez mais bem fundamentados.

Dando continuidade ao processo de aprendizagem, chega o momento no qual o aluno deve ser autor de material próprio, com o intuito de conseguir se expressar, seja através da fala ou por meio da escrita. Esta representa um momento imprescindível para o estudante, pois é o momento onde precisa organizar seus dados – aí já aprendendo, pois o processo de organização requer reflexão e reconstrução – e escrevê-los de forma clara, sendo necessário, portanto, superar a ideia de escrita como mero instrumento de comunicação de algo já perfeitamente conhecido, simples cópia. (MORAES, RAMOS e GALIAZZI, 2007). Para muitos alunos essa etapa é difícil, pois consiste em ser autor, produtor de um trabalho sem contar com as palavras de terceiros, apenas usando-as de subsídio para fortalecer as suas ideias.

4 Considerações finais

Como já foi referido nesse texto anteriormente, o professor tem papel fundamental como mediador e parceiro de trabalho dos estudantes. Não pretendemos aqui demonizar práticas tradicionais, mas sim a sua exclusividade, a falta de saída para um ensino voltado cada vez mais para a inércia e a acomodação. Acreditamos que uma das funções do professor, que merece destaque e que contribui de forma significativa para o processo de aprendizagem é o de trabalhar com conteúdos contextualizados, ou seja, aqueles que se enquadram no conhecimento dos sujeitos, ou que faz dos mesmos seres capazes de se contextualizar. Ele deve estabelecer uma relação com a realidade construída pelo aluno por meio da linguagem, interagindo com as “realidades das cabeças” dos estudantes. Aqui, verifica-se mais uma vez a importância de valorizar a pergunta do aluno, pois é ele que contextualiza e fornece as ferramentas para o trabalho do professor.

Não adianta, porém, instigar os alunos a perguntarem se, após essa atividade, o professor ignorar os interesses e informações reveladas nos questionamentos, não usar estas fontes como norteadoras do processo, e dar seguimento às aulas sem fazer relação com o as manifestações dos alunos. O aluno precisa sentir-se motivado, e isso ocorre quando seus sinceros interesses de saber são atendidos. Conforme Oliveira e Soares (2005), o interesse não pode ser gerado, pois já existe intrinsecamente; no entanto, pode e deve ser despertado. Cabe ao professor, em parceria com a sua turma, trabalhar para a autonomia de cada um, auxiliando no percurso e usando o seu conhecimento do conteúdo e sua prática pedagógica para dar vida à aula dinâmica, onde professor e aluno interagem.

Assim se o aprendiz perguntar, pesquisar, argumentar e comunicar suas interpretações com o intuito de validá-las, ele estará demonstrando a sua capacidade argumentativa, ou seja, demonstrando a consistência da sua resposta. Essa consistência é a fim de avaliação, fundamental, pois é através dela que o professor pode realizar uma avaliação da aprendizagem dos seus estudantes, ressaltando, entretanto, a avaliação no sentido de diagnóstico e não de mensuração.

Consiste na realização de ações, pelo professor e pelos alunos, com vistas ao acompanhamento ativo da evolução de aprendizagens relevantes e significativas, que contribuam para o desenvolvimento da competência necessária aos integrantes da sala de aula para a vida em sociedade (RAMOS e MORAES, 2010, p. 313).

Oportunizar o questionamento dos estudantes, auxiliar na construção dos argumentos, fomentar o uso da linguagem através da fala e da escrita e, a ação de solicitar que os alunos reescrevam suas respostas após debates e demais atividades que auxiliem na complexificação dos conhecimentos, são

passos que conduzem a educação para um patamar significativo e eficaz, sem a máscara da cópia, de uma educação enganadora que acabam por tolhir a formação de um cidadão histórico competente, com qualidade formal e política (DEMO, 2007) que assim sente-se valorizado e sujeito do seu processo de aprendizagem.

Referências

DEMO, Pedro. Pesquisa como Princípio Educativo na Universidade. In: MORAES, Roque; LIMA, Valde- rez (Org). **A pesquisa em sala de aula**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

DEMO, Pedro. **Educar pela Pesquisa**. Campinas, SP: Autores Associados, 2007.

MANCUSO, Ronaldo (Org). **Aprender em rede na Educação em Ciências**. Ijuí: UNIJUÍ, 2008.

MORAES, Maria Cristina. Do ponto de interrogação ao ponto: a utilização dos recursos da internet na educação pela pesquisa. In: MORAES, Roque; LIMA, Valde- rez (Org). **A pesquisa em sala de aula**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2004.

MORAES, Roque; RAMOS, Maurivan G.; GALIAZZI, Maria do Carmo. Aprender química: promovendo excursões em discursos da química. In: ZANON, Lenir B.; MALDANER, Otávio A (Org.). **Fundamentos e propostas de ensino de química para a educação básica no Brasil**. Ijuí: UNIJUI, 2007.

OLIVEIRA, Alessandro Silva de; SOARES, Márlon Herbert Flora Barbosa. Júri Químico: Uma Atividade Lúdica para Discutir Conceitos Químicos. In: **Química Nova na Escola**, n.21, maio 2005.

RAMOS, Maurivan Güntzel. A importância da problematização no conhecer e no saber em Ciências. In: GALIAZZI, Maria do Carmo; AUTH, Milton; MORAES, Roque; MANCUSO, Ronaldo (Org.). **Aprender em rede na Educação em Ciências**. Ijuí: UNIJUÍ, 2008.

RAMOS, Maurivan Güntzel; MORAES, Roque. A Avaliação em Química: Contribuição aos processos de mediação da aprendizagem e de melhoria do ensino. In: SANTOS, Wildson Luiz Pereira; MALDANER, Otavio Aloisio (Org). **Ensino de Química em Foco**. Ijuí: UNIJUÍ, 2010.

VYGOTSKY, Lev Semenovitch. **Pensamento e Linguagem**. São Paulo: Martins Fontes, 1991.